

O MODELO CHILENO

*FABIANA DE SOUZA FREDRIGO**

Moulian, Tomás. Chile Actual: Anatomia de un Mito. Santiago: Lom/Arcis, 1997.

O livro de Tomas Moulian¹ sobre as vicissitudes do Chile de nossos dias veio a público em meados de 1997 e se configurou num extraordinário êxito de vendas, para a surpresa de muitas pessoas, inclusive do próprio autor. Este não é um acontecimento de todo excepcional e pode ser explicado pela capacidade que revelou seu autor de enfrentar os dilemas mais severos da transição política vivenciada em seu país desde a retirada de Pinochet da presidência da República. Trata-se, assim, de um livro que, em função de forte e marcante traço de oportunidade, convenceu os chilenos de sua importância e extrapolou o universo acadêmico. A perspectiva de análise que investiga o Chile Atual como herança dos dezesseis anos de ditadura faz com que o texto de Moulian seja, simultaneamente, uma fecunda interpretação da sociedade e política de seu país e uma conclamação aos cidadãos para que estes se revigorem do torpor que ainda os domina.

Certamente, Moulian tem conhecimento das positivities de seu texto e, não por acaso, resolveu adotar um discurso reforçador do que até então lhe era característico, buscando o rompimento com os recursos textuais acadêmicos. Sempre afeito as metáforas e às construções lingüísticas mais

rebuscadas, neste livro em especial, o autor buscou se distanciar, mais enfaticamente, do léxico das Ciências Sociais. De acordo com suas justificativas, a linguagem acadêmica, grave e padronizada - associada à busca de uma falsa objetividade científica - não permitiria a compreensão dos fatos que ele pretendia abordar, uma vez que estes revelam-se fruto de uma época na qual se experimentou a dor, o terror, a crueldade, o delírio, enfim, uma época em que se viveu a margem de experiências-limite. Dessa maneira, Moulian prefere que se tome seu livro como um ensaio, o que acaba conferindo ao autor a possibilidade de ousar e, por meio dos riscos que esta análise pode trazer, anunciar um tipo distinto de interpretação. Porém, esta interpretação só se faz válida à medida que desvela o mito, ou melhor, que se proporciona a anatomia deste, acertando as contas com o Chile ditatorial que infinita responsabilidade teve na construção mitológica do Chile "moderno e neoliberal".

De um lado, essa ousadia discursiva nos deixa, realmente, mais próximos das experiências que o autor quer narrar e analisar. Proporciona ao leitor avaliar as razões da sociedade chilena no que diz

* Mestre em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP-Câmpus de Franca

respeito às escolhas políticas que foram feitas e permite que, aos poucos, se configure o quebra-cabeça da transição chilena. Da mesma forma, encaminha, inclusive o leitor brasileiro, ao reconhecimento do cotidiano analisado pelo autor. Por outro lado, esse método discursivo, em algumas passagens, distancia o texto de um exame mais pormenorizado e causa fastio.

O que ocorre é que, por vezes, a força da metáfora domina a idéia chave de tal forma que uma explicação adicional assume caráter desnecessário. O leitor, então, tem de estabelecer um grau de inteligibilidade à abstração e se conformar com o excesso retórico. O que é para ser uma insinuação converte-se em uma indução/sedução. Aliás, parece ser esse um dos objetivos de Moulian: além da análise, o autor quer seduzir o leitor à sua causa. Na realidade, esse é um objetivo da maioria dos autores. No entanto, acreditando que este livro de Moulian têm relevância adicional para o panorama político chileno e que a escolha do autor em se distanciar do vocabulário acadêmico lhe proporcionou aumentar seu poder de persuasão, pensamos que esta anotação não é, de nenhum modo, dispensável. Não sem propósito, por exemplo, Moulian faz uma crítica à Eugênio Tironi - hoje, o intelectual defensor da modernização neoliberal - e, mesmo sendo ela de caráter só insinuante, a discussão que o autor não pretende desenvolver está ali presente, com todo seu vigor. Na realidade, o tom discursivo de Moulian evidencia que para ele a produção do conhecimento deve estar vinculada a uma razão prática que justifique a apropriação e o desenvolvimento de determinado conhecimento. Nesse sentido, a produção histórica deve assumir a tarefa de conduzir a

teoria à *práxis política*, uma vez que esse encaminhamento da teoria como um instrumento de mobilização suscitaria as transformações históricas, conforme o texto:

Pode-se dizer que o ato prático da apropriação histórica, isto é, de intervenção no que é dado, especialmente de historicidade e transformação, requer uma consciência historiográfica entendida como um mito mobilizador mais que como teoria. Não se necessita tanto da verdade como da apropriação do passado enquanto força simbólica, unificadora, capaz de modelar o presente. O mito é um saber convertido na crença capaz de suscitar a passionalidade que conduz à práxis (p.380)².

Assim, mesmo guardando certa prevenção quanto ao uso veemente de metáforas e discordando de Moulian no que tange à crítica sobre a pretensa objetividade das Ciências Sociais - intensa e extensa polêmica que não cabe nessa resenha -, não podemos deixar de anotar que o autor é fiel, durante todo o seu texto, ao tipo de análise que explicita no prólogo:

Minha intenção é reaprender a escrever produzindo esse texto. Prefiro enfrentar os perigos do excesso retórico do que o vazio da hipocrisia, as ambigüidades do que o rigor gelado de um saber fechado. Este é um ensaio. Seu destino não está nem na coerência absoluta nem na demonstração formal de cada hipótese. Joga-se com a insinuação. (p.11).

Propositadamente, a primeira parte do livro trata do *Chile Atual* e revela aspectos comuns à América Latina pós-autoritária. Explicita, por exemplo, como as transformações ditatoriais - que atingiram especialmente a cultura política - levaram os latino-americanos à adoção fanática do "neoliberalismo salvador". Mostrando os aspectos que elucidam o quanto essa realidade no Chile assume contornos mais graves, Moulian leva a concluir que os chilenos, então transmutados de *cidadãos políticos* à *cidadãos credicard*, fecham os

olhos às imperfeições herdadas do autoritarismo e se curvam à modernização como se ela fosse muito mais importante do que o aprofundamento democrático - uma escolha advinda da transição chilena, pautada pelo pragmatismo e pela racionalidade.

A convivência e a conveniência em relação à democracia - *neodemocracia*, nas palavras de Moulian - que se herdou, posterior a 1988, faz do Chile a pátria do esquecimento (p.37). Embora distintos projetos políticos para redemocratização tenham sido apresentados, os chilenos resolveram eleger aquele que ostentava a bandeira de *mal menor* e habituaram-se ao discurso político que privilegiava a racionalidade e o possibilismo³. Daí surge a idéia de consenso, compreendido de modo desvirtuado. Para os chilenos, ele não assume o lugar de uma prática necessária à política que, longe da pretensa "harmonia social", não homogeneiza ou faz desaparecer as divisões e os conflitos sociais. Ao contrário, para o Chile Atual, o consenso nasce de uma democracia truncada que propaga a morte das ideologias e promove um jogo de cartas marcadas, alargando os problemas de uma transição angustiante, daí ser certo o uso da metáfora de uma "jaula de ferro" para a democracia chilena.

De acordo com a análise de Moulian, o sistema democrático chileno sofre do mal da reprodutibilidade. O poder mudou de mãos e a política democrática - fruto de uma transição pactada⁴ com os militares - reformulou-se apenas em alguns aspectos. A *Concertación* não conseguiu, ainda, driblar o modelo econômico deixado por Pinochet. E, talvez, nem seja o caso de tentar criar desafetos entre a sociedade e neoliberalismo - já que ambos experimentam núpcias que

duram há tempos. Na realidade, boa parcela da esquerda não aceita a *deblaché* do Estado de bem-estar social e se vê encurralada diante do propagado sucesso do neoliberalismo chileno, mesmo acreditando ser este um mito.

O problema da *Concertación* não reside apenas no "modelo econômico" herdado. É evidente que a centro-esquerda chilena convive com um duro dilema (que foi o mesmo para todas as democracias que se estabeleceram, na América Latina, após os regimes autoritários da década de setenta): reproduzir os índices econômicos da ditadura e levar adiante a prosperidade e a modernização do país para que não corra o risco de enfrentar uma crise de ingovernabilidade. Nesse panorama, o reflexo na política é inevitável e todas as mudanças nesta área tornam-se, efetivamente, complexas e graduais. Porém, mais prejudiciais que o neoliberalismo, sem deixarem de ser uma consequência dele, são os efeitos da política que o Chile se vê obrigado a realizar - uma política tecnicista e que se encontra amarrada pelo poder legislativo dos senadores designados.

Tomás Moulian faz uma análise acertada quando toca na ferida da esquerda, aberta por sua incredulidade da conversão latino-americana ao neoliberalismo. Profundamente golpeada pela ditadura em 1973, a esquerda, especialmente, demorou para entender a passagem do estatismo ao liberalismo, obra do governo autoritário. No Chile, foi com dor que se percebeu que Pinochet realizou o que a Unidade Popular utilizava como retórica discursiva: a revolução. Portanto, assumir o processo de redemocratização exige conviver com o constrangimento e o mal-estar, além, é claro, com a sobrevivência política de Pinochet e a intromissão das Forças Armadas

no Legislativo (com a atuação dos senadores designados). Quando faz a crítica ao cidadão *credicard/weekend*, Moulian elucida que o neoliberalismo chileno foi além da área econômica, transformou-se em obsessão e assumiu os postos de socialização que, antes de 73, ficavam a cargo da política. A propagada morte das ideologias confecciona o maior dos mitos: o do fim da política que inaugura a possibilidade da resolução dos problemas políticos por meio de decisões técnicas e pragmáticas. Dessa forma, a política chilena atual não consegue criar um espaço cultural para seu desenrolar, uma vez que toda integração advém das relações mercantis. O neoliberalismo, desde então, é legitimado por um contexto histórico que obstaculiza a compreensão e a elucidação dos mitos que envolvem a política chilena. Todavia, o torpor do *cidadão weekend* - que é o que parece incomodar Moulian, verdadeiramente - só pode ser ultrapassado se a *Concertación* conseguir oferecer uma opção aos encantos neoliberais.

Sabe-se que a partir do momento que a modernização se estabeleceu nas alamedas de Santiago, uma importante virada na cultura política chilena se impôs no cotidiano do cidadão comum. Como afirma Moulian, qualquer política que exige heroísmo é vista como elitista (p.263). Dessa maneira, oferecer uma opção não pode significar o rechaço à modernização - parte integrante da vida do *cidadão credicard*. Antes disso, a *Concertación* deveria dar mostras firmes de que a política tem espaço. Para tanto, a aderência ao discurso sobre a "morte das ideologias" não colabora em nada. Mobilizar uma sociedade civil integrada pelo mercado exige motivos mais próximos ao seu mundo e é preciso que se atente para o fato de que, no

Chile Atual, o neoliberalismo assume um caráter demasiadamente real, sobrepondo-se à política.

Para Moulian, a transição revalidou seu mito quando o exportou, criando e exibindo para o resto do mundo sua "face modelo". Assim que a estrutura do regime militar se viu protegida, realizou-se a passagem do poder para os civis, representados pela coalizão de centro-esquerda. Partindo desse pressuposto, Moulian avalia e compreende o processo chileno como uma mera formalidade, uma aparência.

Dessa interpretação anterior, advém a idéia central do livro: a política chilena apenas incorporou o *transformismo*. Na realidade, a vitória militar se deu desde o desenho do *projeto transformista* - com a Constituição de 1980 - até sua consolidação - com as negociações de 1989 e a implementação do projeto de *reforma pactada*. Sendo assim, a *democracia protegida* nada mais é do que o fruto de um *gato-pardismo*. A transição revela-se, assim que se desprende do mito, como uma pseudo-mudança, estrategicamente articulada e imposta pelos militares para forçar sua permanência entre os meandros do poder. Tal como esclarece o autor:

Chamo de transformismo o longo processo de preparação, durante a ditadura, destinada a permitir a continuidade de suas estruturas básicas sob outras roupagens políticas, as vestimentas democráticas. O objetivo é o "gato-pardismo", mudar para permanecer. (p.145)

Dessas considerações sobre o Chile Atual, Moulian revela todo seu pessimismo e descrença diante da transição que se efetivou e não poupa críticas ao caminho que a oposição resolveu trilhar, a partir de fins de 1986⁵. Entende o autor que se deve fugir da

história fatalista que fez da razão o caminho acertado para a transição chilena, uma vez que se pensava ser este o único destino do Chile; textualmente pode se ler:

Uma das principais imagens que projeta o Chile Atual é de algo sólido, 'que (não) se desmancha no ar', porque se re/apresenta como a Única Racionalidade. Argumenta-se desse modo: O Chile Atual é assim porque teve de ser assim, não tinha outro caminho se queria seguir a direção da Razão. Somente muito além da Razão tinha outros caminhos. E justamente esse olhar que desejo evitar, usando a estratégia do salto narrativo. (p.16).

Porém, se a crítica de Moulian é válida e fundamental para o contexto político que a sociedade chilena vivencia, é preciso que se esclareça - e o autor não deixa de tocar nesse assunto - que sua postura pode ser mitigada com algumas considerações sobre o processo de transição chilena. Evidente que, entre outros fatores, Pinochet tornou-se uma figura mitológica para os chilenos: para uns, ele era o próprio demônio encarnado, com um poder que parecia emanar de algo superior; para outros, ele era o patriarca-provedor. Derrotar essa ditadura de caráter personalista não era tarefa fácil para uma oposição acuada e cansada dos desmandos dos militares. Assim, apostou-se na probabilidade. Portanto, a escolha da razão e da institucionalidade não se deu ao acaso. Porém, o grande problema de Moulian é não aceitar, por princípio, o *possibilismo*. Assim, embora entenda as dificuldades que a oposição enfrentou, mostra-se impiedoso nas críticas que endereça à *Concertación*. Avalia que a opção pelo possibilismo - ou pelo conhecido *realismo político* - foi uma atitude que não se assumiu, conscientemente, entre as décadas de 80 e 90. No entanto, uma escolha se afirmou: a de deixar de lado o projeto de aprofundamento democrático para alinhar-se

a um projeto de modernização produtiva, com democracia e equidade. E, mesmo que essa opção não tenha sido percebida com todas as nuances na época, quando se pôde enxergá-la claramente, criou-se o mito. O mito que, desde então, se exportou e que faz referência à *transição perfeita*. Tendo sido uma escolha, isso explica porque a necessidade dos chilenos em qualificar a transição como uma *transição ideal* e não como um *mal menor* (p.361).

Não obstante, quando Moulian nega o possibilismo chileno - enquanto estratégia e conduta política - acaba criando um inconveniente que se relaciona, paradoxalmente, com a visão de História adotada por ele. Cabe transcrever o seguinte trecho:

"Na História, entendida como a luta de sujeitos que nela vão se constituindo, não existe necessidade. O que existe são sim opções e oportunidades, situadas e condicionadas, interpretadas pelos atores." (p.170).

Como conciliar essa visão de História com a negação do possibilismo adotado pela oposição? Moulian quer se distanciar da afirmação sobre a existência de "necessidades históricas". Para tanto, em contraponto a esta idéia, utiliza a noção de que os sujeitos históricos são os construtores do processo, consolidando-o longe de qualquer determinação apriorística. Porém, como negar que, no decorrer dessa construção, os sujeitos históricos encontram-se muito mais próximos da dimensão das probabilidades históricas? Assim, para que se possa conciliar essa visão de História que o autor adota com a crítica que ele faz à oposição, é preciso que sua opinião seja, no mínimo, relativizada. Do nosso ponto de vista, a História compõe-se, sim, de probabilidades e possibilidades

infinitas. Entretanto, longe do fatalismo ou das determinações apriorísticas, as probabilidades não se dão ao acaso, estando circunscritas às "necessidades históricas" que se impõem e convergem para uma ação dialética, afirmadora da conduta dos sujeitos históricos⁶.

Dessa maneira, sustentamos que a crítica que deve ser feita à oposição política não é quanto à estratégia utilizada, mas sim quanto à condução adotada. A negociação de 1989, após o rechaço à Pinochet por meio do plebiscito, revelou uma oposição amedrontada que, diante da possibilidade de vitória nas eleições presidenciais, agendadas para dezembro do mesmo ano, preferiu amortizar o choque e não entrar em conflito com as Forças Armadas. Em nome da estratégia emergente do realismo político, buscou-se dominar as expectativas sociais. Ilusão triunfalista ou não, o fato é que, naquele momento, vivia-se a revalidação da tradição político-cultural chilena, que se pautava pelo legalismo e pela repelência à polarização e aos choques políticos - marcando estes últimos uma presença constante desde a experiência traumática do golpe militar de 1973. Não obstante, é compreensível o inconformismo de Moulian e, diante do Chile Atual, se faz necessário repensar as estratégias que privilegiam, quase sempre, o esquecimento, a amortização dos choques ou então a política do consenso (se desvirtuada, como já se analisou).

Passados nove anos de governo civil, o Chile não conseguiu, ainda, se desvencilhar dos mecanismos de tutela da ordem democrática. Além disso, a mais nova discussão que toma conta do cenário político diz respeito a uma herança infeliz do período militar: os senadores vitalícios. Pinochet não

deixa de suscitar o temor e dispõe - a bel-prazer - do poder que emana de sua figura e sua posição. Cabe, então, retornar ao argumento inicial dessa resenha: os temas levantados pelo livro de Tomás Moulian extrapolam sua importância acadêmica e sugerem uma oportunidade para que se reflita sobre a tormenta política que o Chile atravessa.

Entendemos que a positividade da abordagem proposta por Moulian encontra-se no desvelar que este faz dos mitos da sociedade chilena. A interpretação fecunda do Chile contemporâneo - ou Atual, como prefere o autor - remete à busca das razões dos mitos do país no seu passado. Porém, esse *flashback* - que recorre à experiência da Unidade Popular e aos passos do regime militar - não deve ser tomado como se a genealogia fosse uma das grandes obsessões do autor. Ao contrário, sua intenção foi avaliar os distintos processos políticos vivenciados por este país sul-americano e investigar aspectos importantes da cultura política chilena. Em decorrência desta característica, a leitura é fundamental não só para o público chileno. Certamente, além de termos a oportunidade de nos inteirar mais da história política chilena, também, nos reconheceremos na narrativa de Moulian, desde que guardadas as devidas diferenças históricas entre Brasil e Chile.

1 Este autor é cientista político chileno, foi pesquisador da FLACSO (Faculdades Latino-Americanas de Ciências Sociais) e, atualmente, é diretor e professor do curso de Ciências Sociais da Universidade de ARCIS de Santiago do Chile

2 Apenas como um acréscimo a esta interpretação, podemos buscar a fonte explícita de Moulian, neste caso, Walter Benjamin. Do mesmo modo que este teórico, Moulian entende que o recorte do passado - embora não use o termo "resgate" como o faz Benjamin, o sentido é o mesmo - pode iluminar o presente e, assim, conduzir à ação prática para a transformação.

3 Quando nos referimos ao caráter possibilista da transição chilena, queremos nos remeter à atitude da oposição em fins de 1986. Neste contexto, tendo assistido ao fracasso das mobilizações sociais contra o regime e vendo este último sair fortalecido, a oposição, dominada pela crença de que aquela ditadura poderia se eternizar, resolveu promover um giro estratégico. A primeira a propor essa mudança, já desde 1984, foi a Aliança Democrática (uma coalizão opositora de tendência centrista), especialmente por meio da Democracia Cristã. Pensando nos artigos da Constituição de 1980, a oposição, com o derrocamento das protestas, resolveu entrar no jogo legal e passou a convencer outros setores da sociedade civil da necessidade de uma preparação para o plebiscito de 1988. Esta discussão encontra-se desenvolvida em minha dissertação de mestrado, defendida pelo Programa de Pós-graduação da FHDSS/UNESP-Franca, intitulada: Mobilizações Sociais e Ditadura: A Influência das Protestas na Transição Chilena.

4 Moulian discute, em textos anteriores a este, as distintas estratégias da transição chilena e conclui que ela representou uma reforma pactada. Essa interpretação indica duas importantes características desse processo que ocorreu, formalmente, entre os anos de 1988-1989: 1) ele se efetivou por meio de um pacto entre a oposição e os militares, 2) com a Constituição de 1980, os militares referendaram seu projeto de transição e traçaram ali os mecanismos que instituíram a democracia protegida. Nessas condições, a institucionalidade democrática com a qual a Concertación teve de lidar não permitia profundas transformações. Ao contrário, foi preciso que se negociasse com os militares reformas, que praticamente criaram uma espécie de democracia tutelada, com constante intervenção militar em assuntos políticos. Para uma análise mais detalhada, ver: MOULIAN, Tomás. Limitaciones de la transición a la democracia en Chile. Proposiciones, n.25, Santiago: SUR, 1994.

5 Estamos nos referindo à escolha da oposição em deixar de lado o discurso sobre a ilegitimidade da Constituição de 1980 e aderir à institucionalidade, buscando efetivar uma campanha pelo "NO" para o plebiscito que estava marcado para 1988. Este deveria decidir sobre a continuidade ou não de Pinochet.

6 No entanto, Moulian não acredita nessa ação interativa. Para ele, onde há a "necessidade histórica" não há opção, o contexto não pode ser modificado, pois se encontra em seu estado "natural". Para esclarecer esta questão, ver, cuidadosamente, p.380-382.